

Submetido em: 02 mai. 2024
Aceito em: 09 set. 2025

A noção de angústia no pensamento de Frantz Fanon: uma incursão fenomenológico-existencial

The notion of anguish in the thought of Frantz Fanon: a phenomenological-existential incursion

Nilson Gabriel¹

Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Maiara Benedito²

Universidade de São Paulo (USP)

RESUMO

Tendo como base o diálogo crítico empreendido pelo psiquiatra martinicano Frantz Omar Fanon com a fenomenologia-existencial, objetiva-se no presente artigo refletir sobre a noção de angústia mediada pela obra *Pele Negra, Máscaras Brancas*, original de 1952. Pensar a angústia a partir desse diálogo crítico se mostra de fundamental importância na medida em que o autor é um dos principais responsáveis pela historicização das ontologias existenciais, possibilitando a superação dos limites metodológicos e conceituais, além de nos oferecer um caminho possível para a construção de uma fenomenologia-existencial rumo a um novo humanismo.

Palavras-chave: Frantz Fanon. angústia. fenomenologia. existencialismo. Psicologia.

ABSTRACT

Based on the critical dialogue undertaken by the Martinican psychiatrist Frantz Omar Fanon with phenomenology-existential, this article aims to reflect on the notion of anguish mediated by the work *Pele Negra, Máscaras Brancas*, original 1952. Thinking anguish from this critical dialogue is of fundamental importance as the author is responsible for the historicization of the phenomenological-existential ontologies,

¹ E-mail: nlucasdegabriel@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5582-5419>.

² E-mail: maiarabenedito@ymail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7110-020X>.



enabling the overcoming of methodological and conceptual limits, offer us a possible way to build a phenomenology-existential towards a new humanism.

Keywords: Frantz Fanon. anguish. phenomenology. existentialism. psychology.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como interesse primordial refletir sobre a noção de angústia no pensamento do psiquiatra Frantz Fanon, tomando como base seu diálogo crítico com algumas das principais referências filosóficas europeias da perspectiva fenomenológico-existencial em Psicologia.

Frantz Omar Fanon (1925-1961) foi um psiquiatra e revolucionário martinicano que, ao longo de sua trajetória acadêmica, profissional, política e revolucionária buscou incessantemente a desalienação colonial das estruturas sociais, econômicas e políticas responsáveis pela aniquilação dos povos colonizados, sustentadas pelas mais diversas tradições de opressão no decurso da história europeia. Em suas obras e em sua atuação política, além das perspectivas da Psicanálise, do Marxismo e do movimento da Negritude, o autor aproximou-se também dos estudos da Fenomenologia e do Existencialismo, com o propósito de formular seu humanismo radical, uma tentativa de se fazer nascer uma nova humanidade (Fanon, 2022).

Nascido em 1925, em Fort-de-France, capital administrativa da colônia francesa da Martinica, o psiquiatra construiu de forma simultânea seus papéis político e profissional, tornando-os indissociáveis. A invasão de marinheiros franceses na Martinica durante a Segunda Guerra Mundial, quando Fanon tinha apenas quinze anos, inaugurou sua experiência com a racialização e o racismo, fomentando sua decepção com a França, país que ele aprendera a amar ao longo de sua infância (Faustino, 2018).

Ao retornar para Martinica em 1945, depois de ter se alistado no Exército Francês de Libertação, motivado pelo desejo de expulsar os soldados alemães do território francês e, conseqüentemente, forçar a retirada das tropas francesas instaladas em sua ilha natal, Fanon apoiou a campanha de

Aimé Césaire (1913-2008), poeta e político martiniquense, à prefeitura da capital pelo Partido Comunista. Condecorado por bravura durante a guerra, Fanon obteve o direito de cursar o ensino superior na França, optando inicialmente por Odontologia e, posteriormente, por Psiquiatria, especializando-se em Psiquiatria Forense.

Durante sua formação acadêmica e política, no final da década de 1940, Fanon também se aproximou do teatro e da dramaturgia, tornando-se, além de médico, professor, ensaísta e revolucionário (Geismar, 1971; Gordon, 2015; Faustino, 2018). Foi nesse período, em que teve maior acesso ao teatro, à literatura e aos cursos ministrados na universidade, que o psiquiatra — ainda em formação —, por meio do trabalho de figuras como Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), Jean-Paul Sartre (1905-1980), Simone de Beauvoir (1908-1986), Richard Wright (1908-1960) e Albert Camus (1913-1960), aproximou-se da Fenomenologia e do movimento Existencialista.

Essas perspectivas, atualmente reunidas sob o que se convencionou chamar de perspectiva fenomenológico-existencial, ao inaugurarem uma nova e distinta concepção de ser humano nos séculos XIX e XX, constituíram-se como abordagens da ciência psicológica a partir dos trabalhos filosóficos de pensadores responsáveis por formular uma crítica à metafísica e por propor uma compreensão que supera as dicotomias mente-corpo. Diferenciam-se, assim, das teorias deterministas oriundas das ciências naturais e de seus modelos positivistas e biologicistas (Barreto, 2006). Entre as noções mais recorrentes na ótica fenomenológica e existencial — capazes de contemplar as experiências e as possibilidades de ser-no-mundo para a compreensão do existir humano — encontra-se a noção ontológica de angústia.

Nessa perspectiva, o fenômeno humano da angústia apresenta-se como consciência do próprio devir, a concepção de que o ser humano é consequência de sua própria liberdade de ser, o que para Sartre (2013), um dos principais nomes do movimento existencialista, evidencia o caráter da responsabilidade diante das escolhas realizadas sempre em determinadas situações.

Dessa forma, diferentemente do que ocorre com o fenômeno do medo ou com outros sentimentos de dimensão ôntica, que, em suas respectivas estruturas básicas, possuem características concretas e se revelam como “medo de alguma coisa”, a angústia não possui um objeto definido para o qual esteja voltada. Ela própria, por ser ontológica, evidencia a fragilidade e a gratuidade do existir humano.

Mas e quando essa angústia ontológica, isto é, própria do ser humano, é tensionada por um atravessamento histórico, como o da colonização e suas diversas formas tradicionais de opressão, que visam à desumanização absoluta dos sujeitos? O que resta dela? Ou, ainda, se, nessa perspectiva, a angústia nos constitui enquanto humanidade, o que sobra às pessoas condenadas da terra pela colonização e por suas tradições de opressão, como o racismo?

Mediados, portanto, pela primeira obra publicada por Fanon: *Pele Negra, Máscaras Brancas* em 1952, essas são algumas das perguntas que intentaremos responder neste trabalho. Pois, se em vista da concepção fenomenológico-existencial apresentada, podemos compreender a angústia como algo próprio da condição humana, acreditamos que Fanon nos oferece outra possibilidade de compreensão: a de que ela pode servir à transformação radical de um mundo cindido pela angustiante colonização.

Após décadas de apagamento e de um reconhecimento tardio entre as perspectivas teóricas que hoje reivindicam sua herança intelectual, a obra fanoniana é considerada incontornável para a compreensão das relações humanas – tão desumanizadas pelo capitalismo e pela colonização (Faustino, 2022). Isso porque o autor martinicano evidencia a dialética encoberta por um mundo maniqueísta, dividido entre o colonizador e o colonizado, sem perder de vista os aspectos subjetivos e ontológicos da singularidade humana em relação à sua universalidade (Gabriel, 2021).

Em tempo, é importante dizer que não temos o interesse de defender uma espécie de “Fanon existencialista” ou de buscar um “Fanon fenomenólogo”, reduzindo-o a essas matrizes do pensamento ocidental e, assim, contrariando o seu próprio projeto intelectual e político, além de perder de vista sua proposta de debate e sua atuação revolucionária.

Compreendemos essa relação dialógica, portanto, como um diálogo crítico, inter-relacionado e inconcluso (Hall, 1996), uma vez que, entre o pensamento fanoniano, a fenomenologia e o existencialismo, há uma significativa “convergência de preocupações compartilhadas e, às vezes, co-existensivas”, entre as referências (Gordon, 1995, p. 14).

Faustino (2022) destaca essas convergências como encruzilhadas — lócus de onde emergem as principais contribuições fanonianas para os problemas humanos do nosso tempo — e que nos conduzem a esse diálogo fértil e crítico com a fenomenologia e o existencialismo, em busca de respostas cada vez mais satisfatórias para os problemas humanos. Em nosso caso, trata-se do problema da angústia em um mundo regido pela lógica colonial.

Posto isso, abordaremos primeiramente a fenomenologia-existencial e sua respectiva noção de angústia, a fim de apresentarmos epistemologicamente essa corrente filosófica. Em seguida, viabilizaremos o diálogo do pensamento fanoniano com esse movimento filosófico, apreenderemos o caminho analítico empreendido por ele e, por fim, interrogaremos a sua noção de angústia.

FENOMENOLOGIA, EXISTENCIALISMO E ANGÚSTIA

Edmund Husserl (1859-1938), pai da fenomenologia como a conhecemos hoje, a define como “uma ciência, uma conexão de disciplinas científicas; mas ao mesmo tempo e acima de tudo”, como “um método e uma atitude intelectual: a atitude intelectual especificamente filosófica, o método especificamente filosófico” (Husserl, 2000, p. 46).

Ainda que esteja, sabidamente, na produção intelectual de um matemático de formação, a morada inicial para o nascimento da fenomenologia enquanto ciência dos fenômenos encontra-se, etimologicamente, na própria palavra *fenomenologia*, derivada do latim *phaenomenon* e do grego *phainomenon*, que significa aquilo que surge aos olhos. Tradicionalmente, refere-se ao que pode ser posto à luz, ao que

resplandece e se ilumina, isto é, ao que aparece à percepção (Dutra, 2000; Campos, 2007; Oliveira, 2014).

A partir das aproximações e reflexões oriundas das leituras de filósofos como Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), Tomás de Aquino (1225-1274), René Descartes (1596-1650) e Immanuel Kant (1724-1804), e principalmente do conceito de intencionalidade aprendido nas aulas de seu professor de filosofia Franz Brentano (1838-1917), o matemático alemão identificou a necessidade, para as ciências humanas, de separar o que a filosofia denomina sujeito e objeto, intenção e consciência do mundo. Para ele, a verdade científica não se encontra nem no sujeito nem no objeto, mas no sentido atribuído pela consciência (Borba, 2010).

Husserl (2006) almejou que a fenomenologia se tornasse uma teoria do conhecimento, a fim de que a filosofia alcançasse o estatuto de ciência de rigor. No entanto, essa mesma fenomenologia não poderia ser reduzida meramente a um método investigativo, devendo ser compreendida como uma atitude filosófica. Seu propósito é favorecer que os sentidos sejam encontrados independentemente das categorizações das ciências positivistas, o que não significa rejeitar tais contribuições, mas suspendê-las, ou “colocá-las entre parênteses”, isto é, suspender todos os pré-conceitos, pré-juízos e verdades já estabelecidas que compõem uma “atitude natural” da vida cotidiana. Husserl (2006) denominou esse caminho de *redução fenomenológica* ou *epochè*.

Atualmente, a fenomenologia tem sido compreendida como a ciência daquilo que aparece à consciência e de como esta interpreta os fenômenos, sendo assim: “a fenomenologia é o estudo da experiência humana e dos modos como as coisas se apresentam elas mesmas, para nós em, e por meio dessa experiência” (Sokolowski, 2004, p. 10-11). Desta feita, o interesse fenomenológico não se volta aos objetos ou aos fatos em si, como ocorre nas ciências positivistas, mas à percepção dos fatos, pois é nela que se encontram os sentidos (Zahavi, 2019).

A fenomenologia difundiu-se como proposta por meio da obra de diversos autores, entre eles Emmanuel Lévinas (1906-1995), Maurice Merleau-

Ponty, Paul Ricoeur (1913-2005), Martin Heidegger (1889-1976), Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, entre outras referências clássicas e contemporâneas. Serviu também de base para o surgimento de novos e distintos caminhos epistemológicos na Filosofia e na Psicologia. Dentre essas referências, daremos maior atenção a três importantes nomes diretamente responsáveis pelo nascimento do que se convencionou chamar de existencialismo ou filosofia da existência.

O primeiro deles é o filósofo alemão Martin Heidegger, que, inicialmente interessado no modo de investigação de seu professor Husserl, compreende que o ser não pode mais ser objetificado biologicamente, psicologicamente ou socialmente. Rompe, assim, com o pensar que ele mesmo denomina “metafísica husserliana”, por não concordar com a viabilidade de uma redução fenomenológica, uma vez que esta negava a ideia de uma existência sempre em constante relação com o mundo (Sá, 2010).

Segundo Heidegger (2015), a existência não pode ser encapsulada em si mesma, em alguma coisa ou em algum lugar, pois ela apenas se dá em sua relação mais íntima com o próprio mundo. Por isso, não há sentido em tentar reduzi-la a um mero objeto ou pensá-la exclusivamente em suas essências, apartada da ideia de mundo.

Com isso, Heidegger não apenas rompe com a fenomenologia transcendental husserliana — por considerá-la um pensamento demasiadamente objetificador —, como também, sob a justificativa de que a vida ultrapassa todo e qualquer conhecimento transcendental, a abandona para seguir com sua própria fenomenologia hermenêutica (Michelazo, 2010).

Tendo a fenomenologia como crítica à metafísica e aos significados atribuídos à ideia de humanidade, mundo, pensamento, tempo e espaço, antes de se tornar um método, ela mesma se constitui como ontologia, apresentando uma nova maneira de pensar o ser humano e sua existência, contribuindo, assim, não apenas para a Filosofia e a Psicologia, mas também para a História, a Antropologia e a Sociologia (Barreto, 2006).

A produção heideggeriana alcançou grande repercussão na psiquiatria e nas ciências humanas, sendo sua obra de maior destaque *Ser e Tempo*, na qual

o filósofo alemão discute o sentido do ser. Essa obra exerceu particular importância sobre Sartre, que, muito interessado no trabalho dos filósofos alemães, publicou em 1943 o seu primeiro grande tratado filosófico, *O Ser e o Nada*. A obra sartreana viria, posteriormente, a fundamentar todo um movimento filosófico denominado existencialismo.

O movimento existencialista, atribuído às referências intelectuais que refletiam sobre os problemas da escolha, da inquietação, da ação e da angústia humana, surgiu em um período de profundas crises sociais na Europa, como a Segunda Guerra Mundial e a ocupação alemã na França, oferecendo novas e diferentes respostas à sociabilidade humana.

Com a difusão desse novo modo de fazer filosofia na França e na Europa, ao final da década de 1940, a mídia francesa passou a designar pelo termo “existencialismo” toda e qualquer forma de pensamento voltada aos diversos aspectos da vida social. Assim, tudo aquilo que questionava, infringia as regras vigentes e ultrapassava as noções de certo e errado era considerado existencialista. Ainda que algumas dessas referências negassem esse título, já que portar tal denominação significava ser visto como alguém indisciplinado e associado a escândalos, mais do que uma corrente filosófica, o existencialismo configurou-se como uma postura perante a vida (Penha, 2004; Borba, 2010).

Apesar das diversas divergências no campo filosófico e político, a compreensão de uma filosofia que se propõe à análise do existir humano, não mais reduzido aos aspectos biológicos ou a um aparelhismo psíquico, mas considerando as possíveis relações de ser-no-mundo e os aspectos da experiência e das emoções humanas, fez do existencialismo um movimento filosófico comprometido em questionar tanto o modo de ser humano quanto o próprio mundo, retirando-os do lugar em que tudo é previamente estabelecido ou dado (Borba, 2010).

O pensador dinamarquês Søren Kierkegaard (1813-1855), que também integra o conjunto de referências filosóficas do movimento existencialista, já no século anterior ao nascimento de Sartre, e antes mesmo do surgimento da fenomenologia husserliana, ao criticar o pensamento hegeliano de esquemas e

conceitos dominante em sua época, inaugurou o que se passou a chamar de filosofia existencial, posteriormente reconhecida como uma forma de existencialismo.

Kierkegaard (2008) posicionou-se contra o domínio totalitário da razão, que compreendia a vida como uma série de ideias capazes de totalizar a realidade, e se opôs à concepção de que um sistema racional pudesse explicar o real em sua dimensão irracional. Para o pensador dinamarquês, a vida não se resolve apenas na reflexão, mas por meio da existência subjetiva, mediada pela fé e acompanhada da presença divina (Kierkegaard, 2008).

Com a publicação de obras como o romance *A Náusea* (1939) e o já mencionado tratado filosófico *O Ser e o Nada* (1943), entre outros artigos políticos e peças teatrais, o existencialismo mediado pela figura do filósofo francês tornou-se uma verdadeira moda entre a juventude francesa da época, difundindo-se também para fora do continente europeu, como, por exemplo, no Brasil (Penha, 2004).

Mediado pelas influências das filosofias kierkegaardiana, husserliana e heideggeriana, o existir humano, no pensamento existencial sartreano, passa a ser, em si mesmo, o objeto central de estudo do existencialismo. Uma de suas principais premissas é a de que “a existência precede a essência”, isto é, primeiro se existe e, somente depois, define-se quem se é. Assim, não há uma essência humana capaz de teleguiar a humanidade em suas escolhas, pois o ser humano só se torna aquilo que é à medida que faz algo de si (Sartre, 2015). Nesse sentido, para o existencialismo, não há uma natureza humana anterior capaz de conceber a existência: a humanidade será apenas aquilo que escolher ser.

Isso só é possível porque a realidade humana “não é, inicialmente, nada” (Sartre, 2013, p. 25). Portanto, essa zona ontológica do nada, na filosofia existencialista sartreana, deve ser concebida “como negação do ser e por isso o seu ser é um não-ser em relação ao ser. O nada, portanto, persegue o ser, eis sua fórmula lógica: não-ser. Assim, o nada, por ser negação, precisa ser o nada de alguma coisa” (Gabriel, 2021, p. 125). Por ser a realidade humana um nada de ser, essa mesma humanidade pode tornar-se outra coisa,

uma vez que sua condição ontológica lhe permite exercer sua liberdade em situação, responsabilizar-se por ela e, portanto, angustiar-se.

Dessa forma, o existencialismo propõe um modo de encarar a existência tal como ela é, possibilitando, assim, não apenas uma filosofia da existência para a vida, mas também um estudo subjetivo da realidade humana (Giordani, 1997; Abbagnano, 2006). A perspectiva fenomenológico-existencial passa, então, a ser considerada uma das propostas mais significativas para se pensar e atuar na Psicologia de modo crítico à metafísica e aos ensaios dicotômicos e às suas respectivas concepções de humano, contemplando noções como as de experiência, liberdade e responsabilidade, entre outras possibilidades de ser-no-mundo — dentre elas, a angústia.

Segundo Kierkegaard (2013, p. 45): “o conceito de angústia não é tratado quase nunca na Psicologia”, e por isso, ele se vê engajado na necessidade de “chamar a atenção sobre a sua total diferença em relação ao medo e outros conceitos semelhantes que se referem a algo determinado”. Para Kierkegaard, a angústia é o que diferencia os seres humanos dos demais seres, uma vez que se manifesta no espírito e evidencia o caráter emancipatório da liberdade diante da realidade. É ela que nos conecta com as possibilidades, sendo “a realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade” (Kierkegaard, 2013, p. 45). A angústia, portanto, é o que torna a nossa condição humana de “ser-capaz-de”, pois, mesmo incômoda, corresponde a um convite que nos impele ao movimento de ter de nos escolhermos constantemente (Kierkegaard, 2013).

Em *Ser e Tempo*, Heidegger (2015) retoma a discussão kierkegaardiana sobre a angústia. Nessa obra, a angústia nos singulariza enquanto *ser-aí* — tradução literal do termo alemão *Dasein* —, lançado em um mundo de possibilidades, retirando-nos de nossa decadência e revelando-nos as propriedades e impropriedades do nosso próprio ser.

A decadência, para o filósofo alemão, trata-se de uma atitude fundamental do *ser-aí* em seu cotidiano, revelando-se de modo impessoal e representando a forma mais imediata pela qual o *ser-aí* se apropria das possibilidades do próprio ser. Assim, é no fenômeno da angústia que se

manifesta o modo imediato e cotidiano capaz de nos oferecer um desvelar original, permitindo a superação de nosso modo impróprio de existir (Heidegger, 2015).

Diferentemente do que ocorre, por exemplo, com o sentimento ôntico do temor, a angústia coloca o *ser-aí* na condição de se ver aberto às possibilidades de seu projeto de ser-no-mundo, levando-o a confrontar sua própria finitude. Para Heidegger (2015), é ao lidar com a possibilidade do fim de seu projeto existencial em andamento que o *ser-aí* desperta seu poder-ser mais próprio.

Já para Sartre (2015), a angústia caracteriza-se como a possibilidade que se dá diante do fato de o sujeito se reconhecer livre e compelido a fazer escolhas. Pensar a angústia, portanto, é encará-la como possibilidade constitutiva do ser; e, por isso, nós mesmos, seres ontologicamente livres, somos também a nossa própria angústia (Silva, 2013; Castro, 2020). Sobre isso, nos diz Sartre (2015, p. 681):

Aquele que realiza na angústia sua condição de ser arremessado em uma responsabilidade que reverte até sobre sua derrelição já não tem remorso, nem pesar, nem desculpa; já não é mais do que uma liberdade que se revela perfeitamente a si mesmo e cujo ser reside nesta própria revelação.

Para Sartre (2015), escolher é angustiante, pois implica ao sujeito responder pelo seu projeto fundamental, que é sua própria existência, e, por isso, enquanto condenado à liberdade e, conseqüentemente, à responsabilidade, é-lhe impossível fugir da angústia. Entretanto, essa tentativa vã de escapar do paradoxo liberdade-angústia é chamada pelo filósofo de má-fé, isto é, a necessidade “de expulsar a angústia da consciência ou constituí-la em fenômeno psíquico inconsciente” (p. 89). O francês argumenta, contudo, que “posso ficar de má-fé na apreensão da angústia que sou, e esta má-fé, destinada a preencher o nada que sou na minha relação comigo mesmo, implica precisamente esse nada que ela suprime” (Sartre, 2015, p. 89).

Nesse sentido, a angústia ganha um caráter dinâmico, na medida em que não corresponde a um sinônimo de inércia e, “se explica, além do mais, por uma responsabilidade direta frente aos outros homens que ela envolve. Não é ela uma cortina que nos separe da ação, mas faz parte da própria ação” (Sartre, 2015, p. 14), tornando-nos, assim, seres racionais.

FRANTZ FANON E A SOCIOGÊNESE DA ANGÚSTIA

O estatuto teórico fanoniano está distribuído em cinco obras: três publicadas em vida e duas organizadas postumamente. A supracitada *Pele Negra, Máscaras Brancas* (1952), resultado da primeira versão de sua tese de exercício para a formação em Psiquiatria; *O ano V da revolução argelina* (1959); e *Os Condenados da Terra*, original (1961), publicada no mesmo ano de sua morte. As duas coletâneas posteriores são: *Por Uma Revolução Africana: escritos políticos* (1964), e *Écrits Sur L'aliénation Et La Liberte* (2015). A primeira reúne ensaios filosóficos, cartas, conferências e artigos políticos; a segunda, compila o restante de seus manuscritos, incluindo sua tese de exercício em Psiquiatria e seu teatro filosófico.

Em *Pele Negra, Máscaras Brancas*, ressaltando a vitória proporcionada pela Psicanálise diante das ciências naturais de sua época, Fanon (2020) compreende que, ao lado das dimensões individuais de perspectiva ontogenética, estabelecidas pela psicanálise freudiana à Psicologia, e da tendência filogenética, que relaciona o comportamento humano à fisiologia — criando uma correlação entre propriedades corporais e psicológicas (Faustino, 2022) —, deve haver a via da sociogenia: uma espécie de sociodiagnóstico capaz de restaurar a dialética encoberta pela configuração colonial do mundo.

À vista disso, Fanon (2020, p. 25) postula que “uma solução deve ser apresentada tanto no nível objetivo quanto no subjetivo”, pois “somente haverá desalienação genuína na medida em que as coisas, no sentido mais materialista possível, tiverem voltado ao seu lugar”. Ou, como ele mesmo diz: “a sociedade, ao contrário dos processos bioquímicos, não está imune à

influência humana. O homem é aquilo que faz com que a sociedade exista” (Fanon, 2020, p. 25).

Fanon (2020) se utiliza do termo sociogenia, apenas uma vez, e, em *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Embora suas obras apresentem enfoques distintos e cumpram diferentes objetivos, todas devem ser compreendidas a partir de seu princípio sociogênico, que as unifica em torno de uma análise dialética voltada tanto aos aspectos subjetivos e singulares quanto à crítica das estruturas sociais (Faustino, 2022; Gordon, 2015).

Condizente com esse princípio sociogênico de análise colonial e em continuidade ao existencialismo sartreano ao pensar a realidade humana, Fanon (2020, p. 22) reconhece a zona ontológica do “não-ser”, condição humana capaz de se fazer brotar o sentimento de angústia, ao afirmar que há: “uma zona do não ser, uma região extraordinariamente estéril e árida, uma encosta perfeitamente nua, de onde pode brotar uma aparição autêntica”.

No entanto, esses ensaios ontológicos, desde Hegel (1770-1831), ao não levarem em consideração os atravessamentos históricos de nossa condição ontológica, acabam por deixar de lado a própria existência humana, inviabilizando, assim, uma possível compreensão do ser do negro. Sendo assim, “qualquer ontologia se torna irrealizável em uma sociedade colonizada e civilizada. Isso parece não ter recebido atenção suficiente daqueles que escreveram sobre a questão.” (Fanon, 2020, p. 125).

No tocante à perspectiva fanoniana do existir humano desumanizado pelo processo de colonização, o negro terá, anterior à sua experiência ontológica, uma primeira experiência política de ser negro que o constituirá fundamentalmente: “pois o negro já não precisa ser negro, mas precisa sê-lo diante do branco.” (Fanon, 2021, p. 125). Isso não significa, na perspectiva aqui adotada, negar a possibilidade de uma ontologia do ser do negro, nem, em outras palavras, afirmar que Fanon (2020) incorra no mesmo erro de intelectuais europeus ao rejeitar a produção de conhecimento europeia, mas, sim, sustentar que uma ontologia que se pretenda fundamental e universal não deve, em hipótese alguma, ignorar as particularidades, tão logo, as singularidades oriundas das realidades econômicas e sociais.

Mediados pelo diálogo crítico estabelecido por Fanon com a perspectiva fenomenológico-existencial, consideramos duas leituras possíveis e necessárias para a reflexão acerca do fenômeno da angústia em seu pensamento: a primeira evidencia o caráter de humanidade de uma população negra que não se faz à parte da pretensa humanidade branca e europeia, o que corrobora as perspectivas fenomenológicas e existenciais e sua tentativa de universalização; a segunda diz respeito à sua desumanização pela violência colonial, questão até então ignorada pelas pretensas filosofias humanistas de sua época.

Isto posto, o ser do negro, além de compartilhar dessa possibilidade de angustiar-se na busca pelas coordenadas febris de sua existência no mundo (Sartre, 2006), à vista de descobrir-se pessoa entre pessoas, como coloca Fanon (2020, p. 125), vem ao mundo:

[...] preocupado em suscitar um sentido nas coisas, minha alma cheia do desejo de estar na origem do mundo, e eis que me descubro objeto em meio a outros objetos. Encerrado nessa objetividade esmagadora, supliquei a outro alguém. Seu olhar libertador, deslizando sobre o meu corpo subitamente livre de asperezas, restituiu em mim uma leveza que eu acreditava perdida e, afastando-me do mundo, devolveu-me ao mundo.

Esse também, em sua maior parte, terá de lidar com o fato de não gozar “da regalia de empreender essa descida ao verdadeiro inferno” (Fanon, 2020, p. 22), angustiante de sua própria existência, já que muitas dessas pessoas, atravessadas pela escravidão em sua história, não encontram “em sua memória nem a luta pela liberdade nem a angústia da liberdade da qual fala Kierkegaard”, ficando, assim, com “a garganta seca diante do jovem branco que brinca e canta na corda bamba da existência” (Fanon, 2020, p. 231).

Aquela mesma pessoa negra que buscou no outro — o branco — o seu reconhecimento, e que, ao mesmo tempo, se colocou à disposição do outro para reconhecê-lo, depara-se com um limite imposto diante de si:

Mas, lá, tropecei já na contravertente, e o outro, por meio de gestos, atitudes, olhares, fixou-me, como se fixa um corante com um estabilizador. Eu me enfureci, exigi uma explicação... Nada adiantou. Explodi. Eis aqui os estilhaços recolhidos por um outro eu (Fanon, 2020, p. 125).

Essa angústia, que faz das pessoas negras seres reacionais e não mais acionais, ou seja, definidos apenas pela ação daquilo que fazem de si mesmas, apresenta-se como um mal-estar colonial, tanto no uso alegórico ou material das “máscaras brancas” sobre a pele negra quanto na tentativa vã de retirá-las em busca de uma pretensa essência negra, a fim de afastarem-se da angústia de terem sido colonizadas.

Ao historicizar as ontologias existenciais, partindo da situação colonial para pensar o existir negro, Fanon (2020) coloca à prova a máxima sartreana de que a existência humana precede sua essência, demonstrando que, no caso de uma sociedade civilizada, a colonização buscará, com o máximo de esforço, impor uma essência ao colonizado. Este, por sua vez, no exercício de sua liberdade deverá responsabilizar-se por si e sua angústia de ser, na medida que assume ou rejeita a tentativa de adestração colonial, uma vez que nessa perspectiva, buscar por uma essência capaz de determinar-se, culmina em uma reprodução da animalização violenta empreendida pela configuração colonial ao redor do mundo.

Tais reflexões encaminham para o final da obra fanoniana com uma conclusão que segundo Faustino (2018, p. 56) “destoa ligeiramente do estilo adotado anteriormente”:

Aparentemente, esse trecho do texto foi escrito posteriormente, quando Fanon preparava o manuscrito para a publicação, enquanto o restante do texto havia sido escrito no ano anterior. Além do estilo da escrita, chama a atenção o incontornável trecho do 18 Brumário na epígrafe e a rejeição declarada de alguns pilares do movimento de negritude.

Entretanto, o diálogo crítico fanoniano empreendido em relação às filosofias da fenomenologia e do existencialismo acerca da noção da angústia, para além da distância temporal na construção dos textos, permite-nos

defender demasiada consonância entre os trechos de um Fanon que abre a sua obra tensionando as ontologias e suas respectivas descrições e compreensões das relações humanas, sem, no entanto, negá-las por completo, e que pode ser percebido em seus objetivos:

Aqueles que esquentam o ferro para logo o malhar. Nós gostaríamos de esquentar o lombo do homem e partir. Talvez pudéssemos obter o seguinte resultado: o homem mantendo vivo esse fogo por autocombustão. O homem liberto do trampolim constituído pela resistência alheia, escavando a própria carne em busca de um sentido (Fanon, 2020, p. 23).

Com um Fanon que encerra a sua obra reafirmando o caráter universal do ser do negro, mesmo tendo sido desgraçado e particularizado pela colonização e pela escravização ao afirmar:

Não se deve tentar fixar o homem, pois seu destino é estar solto. A densidade da História não determina nenhum dos meus atos. Eu sou o meu próprio fundamento. E é indo além do dado histórico, instrumental, que início o ciclo da minha liberdade (Fanon, 2020, p. 241).

Por fim, se, contíguo a Fanon (2021), a pessoa negra compartilha do dever de jamais renunciar à sua liberdade por meio de suas escolhas, é mister reconhecer que a angústia, por um lado, nos humaniza e nos possibilita um existir indeterminado pelo dado biológico e avesso aos esquemas mecanicistas. Por outro lado, também nos obriga a reconhecer essa angústia nauseante proveniente de um solo violento, de onde emergem as contradições históricas do ser, neste caso, leia-se: “aberrações afetivas” (Fanon, 2020, p. 22). Essa mesma angústia devolve a nós a responsabilidade pela organização política, com o objetivo de fazer nascer uma nova humanidade verdadeiramente condenada à liberdade (Sartre, 2015) e consciente da angústia de ser aquilo que faz de si mesma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao lado da filósofa francesa Simone de Beauvoir, ao tensionar a viabilidade dos estudos puramente ontológicos diante de uma humanidade cada vez mais assolada pelos desencontros promovidos pela colonização europeia (Henry, 2000; Gabriel, 2021b), Frantz Fanon figura entre os principais responsáveis pela historicização das ontologias fenomenológico-existenciais. Seu pensamento oferece novas e distintas perspectivas de análise sobre a condição humana e, conseqüentemente, sobre o objeto de nossa reflexão: a noção de angústia.

Sendo assim, se houve um Sartre (2015) para afirmar que toda liberdade só pode ser exercida em situação — e, nesse sentido, a angústia também só pode ser vivenciada situacionalmente —, foi necessário um Fanon (2020) para descer ao inferno espúrio da colonização e denunciar uma angústia que nasce não apenas do exercício da liberdade humana, mas também de sua tentativa de roubo empreendida pela situação colonial.

Como vimos anteriormente, a fenomenologia-existencial, em suas diferentes ramificações, ao negligenciar ou não considerar os aspectos sociais, econômicos e políticos em suas análises, acaba por deixar de lado o próprio existir que se propõe a investigar. Refletir com Fanon, em seu diálogo crítico sobre a angústia presente em *Pele Negra, Máscaras Brancas*, permite não apenas superar os limites metodológicos e conceituais marcados pela corriqueira má-fé colonial no estatuto fenomenológico-existencial, mas também exige pensar a necessidade de uma fenomenologia-existencial orientada rumo a um novo humanismo, engajada em uma práxis revolucionária capaz de instaurar uma nova realidade humana.

Texto da seção (Fonte Trebuchet MS tamanho 12, espaçamento 1,5 tabulação no início de parágrafos, alinhamento justificado).

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. *Introdução ao existencialismo*. Martins fontes, São Paulo: 2006.

BARRETO, C. L. B. **A ação clínica e os pressupostos fenomenológicos existenciais**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo: 2006.

BORBA, Jean Marlos Pinheiro. A fenomenologia em Husserl. **Rev. NUFEN**, vol.2 no.2 São Paulo: 2010. p. 90-111. Disponível em: <https://www.studocu.com/pt-br/document/universidade-sao-francisco/psicologia/a-fenomenologia-em-husserl/14776045>. Acesso em: 17 mar. 2024

CAMPOS, Paula. Phainomenon e Lógos na apropriação de Fenomenologia de Heidegger: uma Leitura Do § 7 De Ser E Tempo. **Revista Ética e Filosofia Política**, Edição Especial Heidegger, v. 2, n.10, 1-11. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia/issue/view/719>. Acesso em: 15 mar. 2024

CASTRO, Fabio Caprio de Leite. A angústia em Kierkegaard, Heidegger e Sartre- sobre o que a ciência não pode objetificar. **É: Revista Ética e Filosofia Política**, n.XXIII, v.I. 2020. p.144-164. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10923/18566>. Acesso em: 15 mar. 2024

DUTRA, Cinthia Cardoso. Fenomenologia e (in)consciência: Husserl, Freud e psicoterapia. *Estudos de Psicologia*, Campinas: 2000. P. 44-54

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução: Lígia Fonseca Ferreira, Regina Salgado Campos. Zahar, Rio de Janeiro: 2022.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscara Brancas**. Tradução: Sebastião Nascimento. UBU Editora, São Paulo: 2022.

FAUSTINO, Deivison Mendes. **Frantz Fanon: um revolucionário particularmente negro**. Ciclo Contínuo Editorial. São Paulo: 2018.

GABRIEL, N. L. D. Contribuições do pensamento de Frantz Fanon para a psicologia existencial. In: MELO, F. F. S.; SANTOS, G. A. O. (orgs.). **Psicologia**

fenomenológica e existencial: fundamentos filosóficos e campos de atuação. Barueri: Manole, 2022. p. 79-100.

GABRIEL, N. L. D. **A liberdade em Frantz Fanon: a existência aos olhos dos condenados.** Apolodoro Virtual, 2021b.

GEISMAR, P. *Fanon, The Revolutionary as Prophet.* New York: Random House, Inc., 1971.

GIORDANI, M. C. **Iniciação ao existencialismo.** Petrópolis: Vozes: 1997.

GORDON, L. R.. **What Fanon said, a philosophical introduction to his life and thought.** New York: Fordham University Press, 2015.

GORDON, Lewis. R. **Fanon and the crisis of European man an essay on philosophy and the human sciences.** New York: Routledge, 1995.

HALL. Stuart. The after-life of Frantz Fanon. In: Read A. **The fact of blackness: Frantz Fanon and visual representation.** London/Seattle: Institute of Contemporary Arts, Bay Press; 1996. P. 12-37.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo.* 10.ed. Editora Vozes. Petrópolis: 2015.

HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia.** Lisboa: Ed. 70, 2000.

HUSSERL, E. **Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica.** Aparecida: Ideias e Letras, 2006.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **Migalhas filosóficas ou um bocadinho de filosofia de João Clímacus.** Tradução de Ernani Reichmann e Alvaro Valls. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **O conceito de angústia.** 3.ed, Editora Vozes, 2013.

MICHELAZZO, J. C. Pensamento e experiência religiosa: contribuições do Jovem Heidegger para a mística apofática. **Revista de estudos da religião**, p. 73-102. Campinas: 2010

OLIVEIRA, Mariane Farias de. O conceito de phainomena em Aristóteles. **Filogenese**, v.7, n.2. Marília: 2014.

PENHA, João da. **O que é existencialismo**. 5.ed. Brasiliense, São Paulo: 2004.

SÁ, R. N. A analítica do Dasein de Martin Heidegger in: Feijoo, a. M. l. c. (org.). **Tédio e finitude: da filosofia à psicologia**. Fundação Guimarães Rosa. Belo Horizonte:2010.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada: Ensaio de fenomenologia ontológica**. Tradução de Paulo Perdigão. 24. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2015.

SILVA, Aline Maria Vilas Bôas da. A concepção de liberdade em Sartre. **Filogenese**.V.6, n.1. Marília: 2013.

SOKOLOWSKI, R. **Introdução à Fenomenologia**. University Press. Cambridge. 2004.

ZAHAVI, Dan. **Fenomenologia para iniciantes**. 1.ed. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019.